DESPEDINDO-SE DA VELHA FACULDADE *

RAUL PILLA

Chego ao fim de minha carreira no magistério. Com que tristeza o digo. Não porque me recorde a velhice inevitável. Como há boas e más juventudes, há também boas e más velhices. Boa velhice é a que conserva certos dons de espírito e a tranquilidade da consciência. Não é, pois, a lembrança da velhice o que me faz melancólico nesta homenagem que tão generosamente se me quis prestar. Não, senhores. Não é a lembrança da velhice, senão a notificação de que vou deixar o magistério, e desta vez definitivamente, irremissìvelmente. Não é a velhice, fenômeno natural e que com naturalidade deve ser recebido por um professor de fisiologia, mas a separação entre professor e alunos, agora definitiva.

Já o tenho dito, já o tenho confessado. Os primeiros anos de exercício do meu mandato representativo, na Capital do País, foram-me dolorosos. Não era tanto o apartamento do ambiente familiar e social onde vivera meio século, como, principalmente, o afastamento da cátedra, a perda do quotidiano convívio com os estudantes. Ensinar era realmente a minha vocação. Ensinava, e ensinando aprendia, para voltar a ensinar. Por isto, tão pungente saudade da cátedra sentia eu nos meus primeiros anos de ausência dela. Depois, o exercício de outro magistério, que não direi mais alto, senão mais amplo, me foi consolando da ausência dêste, que eu exercia na Escola onde, antes de ensinar, estudara.

E' que eu, em tôda a minha vida, tenho sido uma coisa só: professor. Mau professor, mas professor, disse eu certa vez. Professor na cátedra, professor no jornalismo, professor na vida pública. Educar foi sempre o meu pensamento dominante. Não que eu me julgasse melhor do que outros. Entendia, porém, que tudo o que eu soubesse ou pudesse deveria pôr à disposição dos outros, principalmente dos mais jovens ou menos experientes.

Foi, por certo, o título de professor, não ilustre, mas professor, simplesmente, o que me levou à Academia Nacional de Medicina, como um de seus membros honorários. Outros não encontraria eu, se os buscasse. Era o professor que exercia obscuramente o seu ministério, mas o fazia com alguma ciência, como era indispensável, e com muita consciência, como era essencial.

E vós, aqui presentes, que fazeis, senão isto? Esta cerimônia não diz tanto à minha pessoa, como ao professor que procurei ser.

Cabe talvez aqui uma explicação. E' possível estranhe alguém que, tendo eu podido aposentar-me há mais tempo, não por limite de idade, mas por tempo de serviço, esperei que me venha colher a fouce da lei, quando, antes disto, poderia ou deveria ter dado vez aos mais novos.

Em verdade, eu o poderia ter feito. E por que não o fiz? Vou responder, como em ato de confissão.

Não o fiz porque muito me custava romper voluntàriamente os liames com a Faculdade, onde estudara, onde tantos anos e tão ativamente professara, e aonde a qualquer momento eu poderia voltar, quer pelo têrmo natural do meu mandato, quer por uma dessas vicissitudes tão frequentes na vida política latino-americana. Que eu deixe o magistério por fôrça da lei, bem está; que eu o deixasse sem a isto ser obrigado, já não condiria com a minha sensibilidade de professor, nesta Casa criado.

Mas se êste fôsse sòmente o motivo

* Discurso proferido pelo prof. Raul Pilla em resposta à saudação feita pelo prof. Britto Velho por ocasião da homenagem de que foi alvo ao aposentar-se na Faculdade de Medicina.

da minha pertinácia em manter-me na cadeira, confesso que muito não seria ela de louvar. Dir-se-ia uma forma, embora depurada, de egoismo. Eu fazia questão de manter a cátedra em minhas mãos, por prazer, por vaidade, por orgulho, pouco se me dando dos interêsses do ensino.

Entretanto, errônea seria tal interpretação. Quando pela primeira vez me licenciei para exercer o mandato parlamentar, um dos meus esforçados assistentes, o Dr. Riet Corrêa, a quem coube substituir-me na regência da cadeira, já se orientava no sentido de desenvolver a pesquisa e a experimentação, em nosso então modesto Laboratório de Fisiologia. O resultado do seu esfôrço aí está à vista de todos, no Instituto de Fisiologia Experimental, que honra a Universidade do Rio Grande do Sul e se inspira no mais alto espírito universitário. A prematura vacância da cadeira, com as mutações que possivelmente acarretaria, poderia vir a prejudicar a obra. Agora, não. O Instituto de Fisiologia Experimental está feito. Posso deixá-lo tranquilamente nas mãos de quem quer que me venha a substituir na cátedra. Aí está o motivo impessoal por que, podendo legalmente fazê-lo, não deixei antes a cátedra, que agora sou forçado a deixar.

Mas, além dêste, outro motivo há, que eu não sei se digo pessoal, ou impessoal. Se me aposentasse aos trinta e cinco anos de função letiva, estando a exercer o mandato parlamentar, colheria eu os proventos da aposentadoria juntamente com o subsídio de deputado. Seria perfeitamente legal e regular, tão regular e legal, como a situação do aposentado que se candidata e é eleito. Mas a mim repugnava provocar, pelo requerimento de aposentadoria, tão vantajosa posição. Dobrada era a minha responsabilidade: a de professor e a de político. O professor não deveria trair ao político, nem o político ao professor.

Aí tendes os motivos porque eu não quis, ou não pude, antecipar-me à aposentadoria compulsória. Agora, não: nada depende de mim e só me cabe obedecer à lei.

E é por obedecer que estou aqui, nesta cerimônia, e como centro dela. Mais fácil me teria sido a separação, senhores, se, estando ocasionalmente afastado da cátedra e da Universidade, o professor expirasse serenamente, sem quase o sentir e, se possível, despercebidamente. Uma simples notificação, nada mais do que isto, daqui a três meses, e depois, sòmente o silencioso processo legal de aposentadoria. Estaria consumado.

Assim, porém, não o entendestes. Quisestes honrar o combatente que jamais se rendeu. Não posso censurar-vos. Antes, pelo contrário, o que devo é, comovidamente — eu quase diria, compungidamente — agradecer-vos, tais são as lembranças que com esta cerimônia viestes evocar e quase me impedem de dar, como desejastes, a derradeira aula.

E para mais aumentar a comoção da despedida, escolhestes como intérprete o orador, o grande orador que me saudou. Mas não foi o orador. Melhor, não foi sòmente o orador. Foi também a pessoa dêle. Carlos de Britto Velho foi meu aluno. Êle, melhor aluno, do que eu, professor. Mas isso não é muito, ou não é tudo. Um velho professor, como eu, há-de encontrar antigos alunos seus por tôda a parte. Mas Carlos de Britto Velho não foi sòmente aluno meu, senão também de uma das turmas que me fêz seu paraninfo. E mais ainda do que isto, foi êle o orador da turma. A mim coube, pois, apadrinhá-lo no seu ingresso à atividade profissional, que se tornou também atividade magistral. Vêde, agora: a êle coube trazer-me à porta e fazer-me a mais eloquente e comovedora das despedidas. Se glória há para um professor, esta é de ser honrado por um antigo aluno, e em tais têrmos e com tal eloquência. Por tudo e a todos, muitíssimo obrigado. E, agora, o meu enternecido adeus à velha e querida Faculdade. Sim, velha Faculdade, porque eu, que nela estudei e nela professei, também estou velho.